
Harold A. Innis. *O Viés da Comunicação*

Filipa Subtil

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/525>

DOI: 10.4000/cp.525

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Edição impressa

Data de publicação: 30 outubro 2013

Paginação: 125-130

ISSN: 16461479

Refêrencia eletrónica

Filipa Subtil, « Harold A. Innis. *O Viés da Comunicação* », *Comunicação Pública* [Online], vol.8 n13 | 2013, posto online no dia 01 junho 2014, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/525> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.525>



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Innis, Harold A.

O Viés da Comunicação

Petrópolis, Edit. Vozes, 2011 [1951] (352 páginas)

A obra de Harold Adams Innis, que hoje considerado um expoente clássico do pensamento canadiano sobre comunicação e *media*, não estava até há bem pouco tempo acessível na língua portuguesa. Graças aos esforços da Editora brasileira Vozes, contamos finalmente com a tradução de um dos seus principais livros. A Coleção Clássicos da Comunicação Social acaba de acolher no seu catálogo *O Viés da Comunicação*, tradução portuguesa de *The Bias of Communication*, o primeiro livro de Innis que versa o tópico da comunicação, publicado em 1951. O livro conta com uma apresentação de António Hohlfeldt, coordenador da coleção, um prefácio de Luiz C. Martino, também responsável pela tradução e notas, e dois outros prefácios de académicos canadianos que, ao longo das últimas décadas, se têm dedicado a divulgar os estudos de Innis sobre a comunicação e os *media*. Alexander J. Watson, autor da segunda biografia intelectual¹ de Innis (Watson, 2006), assina o primeiro prefácio (pp. 27-44), escrito para a reedição inglesa de 2008, e Paul Heyer e David Crowley assinam o segundo, publicado originalmente como introdução para a edição de 1995 (pp. 45-65). *O Viés da Comunicação* é composto por oito capítulos e dois apêndices², textos que na sua génese foram discursos que Innis proferiu por diversas ocasiões entre 1945-1950. O volume está organizado a partir de duas temáticas principais: uma abordagem comunicacional da história e uma reflexão crítica sobre a situação da cultura e da tecnologia na primeira metade do século XX.

Innis é hoje um expoente clássico do pensamento canadiano sobre comunicação e *media*, cujo trabalho é uma combinação de pesquisas teóricas e históricas de um alcance político pouco comum nas ciências da comunicação. Doutorou-se em Economia Política na Universidade de Chicago, em 1920, onde foi atraído pelas análises desenvolvidas por economistas tão ecléticos em termos de pensamento e geração como Frank H. Knight, C. M. Wright, John M. Clark e Thorstein Veblen. É só a partir de 1943 que começa a produzir um corpo de reflexão teórica e social sobre a história da comunicação, embora o seu interesse por esta temática se encontre já na sua tese de doutoramento

¹ A primeira é da autoria de Donald Creighton (1978 [1957]).

² O primeiro apêndice foi escrito por Donald Quayle Innis, filho do H. A. Innis.

publicada em livro, em 1923, com o título *History of Canadian Pacific Railway*. Para além do livro agora traduzido, o seu trabalho específico sobre comunicação e *media* deu origem a dois livros publicados nos inícios dos anos 1950, que reúnem os seus principais ensaios sobre esse tema (Innis, 1972 [1950]; 1952)³.

Sob o enquadramento da economia política e no âmbito da sua *staples theory* (o estudo dos recursos básicos) – que desenvolveu e aplicou aos mercados dos recursos naturais do Canadá, como o bacalhau, a pele de castor, a borracha e a pasta do papel, tópicos a que se dedicou durante as décadas de 20 e 30 do século XX –, convenceu-se da importância das tecnologias do transporte e da comunicação para a circulação das mercadorias, para a formação do seu valor e para o poder que facultavam àqueles que controlavam o seu movimento. Segundo a teoria dos *staples*, a extracção de recursos básicos com impacto na exportação, acompanha os interesses dos centros de poder, promovendo o desenvolvimento unilateral e a exploração das periferias. O estudo da pasta de papel e do papel como matérias-primas levou-o ainda a prestar atenção ao seu percurso ulterior enquanto jornais, jornalismo, livros e publicidade, inseridos no movimento mercantil. Compreendeu como as inovações tecnológicas, em especial nos domínios do transporte e da comunicação, na sua relação com a geografia e os *staples*, causam perturbações nos modelos estabelecidos de interacção social.

No quadro da diversidade de tendências de estudo da comunicação, *O Viés da Comunicação* é uma obra que se destaca por, a partir de uma perspectiva filosófica da história da tecnologia, conceber os *media* como uma força poderosamente constitutiva da cultura e das civilizações. Para Innis, as tecnologias têm um impacto penetrante nas civilizações e, por essa razão, o seu estudo é central para compreender as transformações que nelas ocorrem. Todavia, as tecnologias, na sua perspectiva, são também produto das civilizações e, neste sentido, os modelos de comportamento, as práticas e os modos de conhecer de uma dada sociedade estão incorporados e simultaneamente incorporam os meios técnicos que nela predominam. Vai ainda mais longe quando argumenta que as tecnologias são meios, ou *media*, por intermédio dos quais as civilizações se expandem e estabelecem contactos entre si. A partir desta concepção, Innis mostra como a mudança no modo de comunicação é um elemento chave do processo histórico com implicações

³ Permanece inédito um volumoso manuscrito de Innis intitulado *A History of Communication: An Incomplete and Unrevised Manuscript*, um facto considerado por alguns autores como uma infâmia (Babe, 2000: 56). Sobre este manuscrito, ver Buxton (2003: 103-111).

profundas na organização social, cultural e política das civilizações. A sua definição de *media* é ampla e abrangente. Os *media*, de acordo com a sua visão, compreendem todas as formas de transporte não edificadas pelo ser humano, como rios, lagos, oceanos, cavalos, etc., os meios com origem na actividade humana, como canais, estradas, caminhos-de-ferro, navios, etc., e ainda os recursos básicos. Qualquer um destes três tipos de *media* afecta, por um lado, a organização social, na medida em que são promotores de ambientes ou ecossistemas que medeiam as relações humanas e implicam o pensamento, a acção e a subjectividade dos indivíduos, por outro, o comércio de tais recursos, ao permitir o contacto entre pessoas e civilizações até então isoladas. Partindo desta concepção de *media* e das consequências que dela se podem retirar, não será com toda a certeza abusivo formular a hipótese de que Innis pode, sem dúvida, ser considerado um precursor da reflexão actual sobre os processos de globalização⁴.

Se a investigação sobre as matérias-primas canadenses, no âmbito da teoria dos *staples*, o levou a reflectir sobre a importância do transporte e da comunicação, o estudo, a partir da década de 1940, de recursos como a pasta de papel e o próprio papel abriu-lhe um novo e emergente campo de pesquisa. O estudo destes recursos é, de facto, a antecâmara da pesquisa sobre os jornais, o jornalismo, os livros e a publicidade. A partir dos recursos naturais que estão na origem de indústrias, a atenção de Innis deslocou-se para a industrialização da cultura, na qual a informação, e depois o conhecimento, são analisadas como mercadorias que circulam, com valor monetário e instrumento de poder para aqueles que as controlam. Será este o tema a que dedicará na última década da sua vida, aliando-o a outra preocupação fundamental: as implicações dos *media* no tempo e no espaço ou, utilizando aqui os seus termos, a forma como um dado *medium* numa sociedade é sempre portador de um desvio espacial ou temporal. A este respeito, Innis analisa como à escala histórica (nas civilizações egípcia, babilónica, grega e romana), os materiais sobre os quais se escrevem as palavras contam mais que as próprias palavras. Evidentemente, esta hipótese está no âmago da ideia de que “o meio é a mensagem”, aforismo célebre de Marshall McLuhan que, tendo sido um jovem colega de Innis da Universidade de Toronto, só bastante mais tarde o formulou. No mesmo ano da primeira edição de *O Viés da Comunicação*,

⁴ Esta é, na verdade, a segunda vez que avanço com esta sugestão. A primeira pode ser lida num texto, datado de 2003, intitulado “Uma teoria da globalização *avant la lettre*. Tecnologias da comunicação, espaço e tempo em Harold A. Innis”. In *Dilemas da Civilização Tecnológica*, livro editado por Hermínio Martins e José Luís Garcia (Subtil, 2003: 287-311).

num breve ensaio, com o título “As tradições oral e escrita”, o sociólogo americano David Riesman avança com uma justificação muito perspicaz, assente na questão da assimetria de poder entre o Canadá e os EUA, para o interesse de Innis pelos tópicos que desenvolveu: “Talvez seja compreensível que um canadense tenha sido o primeiro a estudar sistematicamente tais problemas, depois de observar as florestas do seu país serem derrubadas em benefício do *Reader’s Digest* e outras formas de imperialismo americano de lugar-comum impresso” (Riesman, 1968 [1952]: 139).

Como está bem assinalado no muito informado e esclarecedor prefácio de Martino (pp. 18-22), para Innis, qualquer civilização tem um meio de comunicação dominante, logo um viés cultural, com efeitos nos âmbitos do tempo ou do espaço. Raras foram, na sua perspectiva, as situações de equilíbrio ou estabilidade na tradição ocidental. As sociedades com viés para o tempo dependem de meios pesados, difíceis de transportar e de destruir (duráveis). São materiais que atravessam milénios e nos permitem ainda hoje manter contacto com as formas culturais dos nossos antepassados (ex. a oralidade, pedras, pinturas rupestres, placas de argila). Estes meios permitem preservar o conhecimento neles contido durante grandes períodos históricos, ao mesmo tempo que favorecem valores de partilha de conhecimento, de cooperação, de proximidade, de tradição e onde os indivíduos estão adaptados aos limites impostos pela capacidade humana de memorização. Já as sociedades com viés para o espaço tendem a estar ligadas ao presente e preocupadas fundamentalmente com o futuro. Nelas predominam *media* leves, fáceis de transportar, perecíveis (fáceis de destruir, logo para consumo imediato) e com grande capacidade de armazenamento de informação (como, por exemplo, papiro, papel, jornal, rádio e televisão). Estes meios forjam sociedades seculares nas relações entre si, onde se promove a competição, os valores materialistas, a impessoalidade das relações sociais, propendendo para a ausência de limites espaciais e temporais, gerando formas imperiais de dominação. O espaço mas também o tempo são vistos nestas sociedades como meras mercadorias cujo objectivo é conquistar territórios, criar e aumentar os mercados, organizar a vida social de formas mais eficientes e produtivas. Na perspectiva avançada por Innis, as sociedades ocidentais do século XX, moldadas principalmente por desvios espaciais, favorecem a comunicação a longa distância, contribuindo para a privatização da comunicação, para o declínio da democracia como regime participativo, e para o aumento das capacidades técnicas de influência e persuasão.

A questão central que atravessa a extensa obra de Innis sobre a comunicação e os *media* é então como preservar a democracia e a vida pública nas sociedades contemporâneas? A sua resposta está na promoção de formas de comunicação que limitem e restrinjam a emergência de monopólios de conhecimento (sistemas conceptuais, mundividências promovidas pelos *media* inerentemente portadores de processos de dominação). Tais formas de comunicação são, para Innis, a tradição oral, a comunicação oral intersubjectiva, pois dificilmente se deixam capturar pelo mundo comercial. Esta insistência nas formas de diálogo encontra pontos de contacto com a relevância dada por Jürgen Habermas à argumentação racional na esfera pública. Mas o que mais importa na tradição oral não é decerto a sua suposta característica auditiva, sim o facto – como esclarecem Heyer e Crowley – “de que valoriza o diálogo e inibe o surgimento de monopólios do conhecimento, os quais levam ao predomínio da autoridade política, à expansão territorial e à distribuição de poder e riqueza de forma não equitativa” (Heyer e Crowley, 2011 [1999]: 55).

A presente publicação – que se deve aos esforços prolongados, primeiro de Sérgio Rosa, tradutor da primeira versão do texto e, posteriormente, de Luiz C. Martino, responsável pela versão final e pelas notas muito informadas – tem o mérito de fornecer ao público de língua portuguesa uma obra de leitura obrigatória para todos os que nas ciências sociais, e em particular nos estudos de comunicação e *media*, acreditam numa reflexão (e ousam fazê-la) de um ponto de vista histórico-político sobre as implicações vastas das tecnologias da informação e comunicação nas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- Babe, R. E. (2000) *Canadian Communication Thought. Ten Foundational Writers*, Toronto, Buffalo e Londres, University of Toronto Press.
- Buxton, W. (2003) Harold A. Innis's 'History of Communications Manuscript'. In: P. Heyer, *Harold Innis*, Lanham, Boulder, Nova Iorque, Toronto e Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, inc., pp. 103-111.
- Craigton, D. (1978 [1957]) *Harold Adams Innis. Portrait of a Scholar*, Toronto, Buffalo e Londres, University of Toronto Press.
- Heyer, P. (2003) *Harold Innis*, Lanham, Boulder, Nova Iorque, Toronto e Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, inc.
- Heyer, P.; Crowley, D. (2011 [1999]) Prefácio. In: H. A. Innis, *O Viés da Comunicação*, S. Paulo, Editora Vozes, pp. 45-65.
- Innis, H. (1952) *Changing Concepts of Time*, Toronto, University of Toronto Press.
- Innis, H. (1999 [1951]) *The Bias of Communication*, Toronto, University of Toronto Press.
- Innis, H. (1972 [1950]) *Empire and Communications*, Toronto e Buffalo, University of Toronto Press.

- Riesman, D. (1968 [1952]) As tradições oral e escrita. In: M. McLuhan e E. Carpenter. *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro, Zahar Editores: 136-144.
- Subtil, F. (2003) Uma teoria da globalização *avant la lettre*. Tecnologias da comunicação, espaço e tempo em Harold A. Innis. In: H. Martins e J. L. Garcia (org.). *Dilemas da Civilização Tecnológica*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 287-311.
- Watson, A. J. (2006) *Marginal Man: The Dark Vision of Harold Innis*, Toronto, University of Toronto Press.

Filipa Subtil
Escola Superior de Comunicação Social (IPL)